

O
REI
DA VE
LA

NAS
MÍDIAS



Com Marcelo Drummond, ‘O Rei da Vela’ vai à tragicomediorgya

Nelson de Sá

<http://cacilda.blogfolha.uol.com.br/2018/02/25/com-marcelo-drummond-o-rei-da-vela-vai-a-tragicomediorgya/>

“Não é tarefa fácil substituir Renato Borghi como Abelardo 1º. Ele criou o papel em 1967 e, mais que isso, foi quando leu em voz alta todos os personagens, diante de Zé Celso, que o diretor se convenceu do que tinha nas mãos. Até então, pensava que Oswald de Andrade e sua peça de 1933 eram datados.”

Foto: Jennifer Glass



A TROPICÁLIA POR JOSÉ CELSO MARTINEZ CORRÊA: DESACOVARDAMENTO NA PELE DA CULTURA

Para fundador do Teatro Oficina,
reestrea de 'O rei da vela' neste
mês é inevitável em momento
tragicômico da História

por José Celso Martinez Corrêa, especial
para O GLOBO

<https://oglobo.globo.com/cultura/a-tropicalia-por-jose-celso-martinez-correa-desacovardamento-na-pele-da-cultura-21947865>

Remontagem de 'O Rei da Vela' é fiel, mas tem novas referências e luz

MARIA LUÍSA BARSANELLI



Foto: Lenise Pinheiro

<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/10/1928724-remontagem-de-o-rei-da-vela-e-fiel-mas-tem-novas-referencias-e-luz.shtml>

“Na nova montagem, o Oficina pincela referências a figuras da política contemporânea, como o senador Aécio Neves (aqui chamado de Aécio Never). Mr. Jones, personagem americano e fanático pelo capitalismo, agora tem alusões ao presidente americano Donald Trump. É uma forma também de relacionar os escritos com os dias de hoje. ‘Montar esse espetáculo 50 anos depois está sendo uma experiência muito forte’, comenta Borghi. ‘Acho que agora ele é mais violento do que nunca.’”

Após 50 anos, Oficina volta com o 'Rei da Vela', marco do teatro brasileiro

Leandro Nunes, O Estado de S.Paulo



“Para quem não viveu o fim dos anos 1960, imaginar o teatro brasileiro como o catalisador de um movimento artístico e estético que foi capaz de inspirar artistas como Caetano Veloso, Hélio Oiticica e Glauber Rocha e ainda enfrentar a censura, é um pensamento inédito. Neste 2017, a montagem do espetáculo O Rei da Vela, de Oswald de Andrade, completa 50 anos com a força e rebeldia do Teatro Oficina, neste sábado, 21, no Sesc Pinheiros. ”

Carnaval. Os murais são de Hélio Eichbauer Foto: Daniel Teixeira/Estadão

<http://cultura.estadão.com.br/noticias/teatro-e-danca,apos-50-anos-oficina-volta-com-o-rei-da-vela-marco-do-teatro-brasileiro,70002053057>

O choque do velho

Luís Antônio Giron



Foto: Jennifer Glass

“José Celso e Borghi enfrentam o desafio no palco e fora dele. A dupla fundou a companhia Uzyna Uzona naquele local, no bairro do Bixiga, em 1963. Romperam, reataram e continuam a lutar para salvar o teatro. Há 30 anos, o prédio histórico do teatro Oficina tem sido ameaçado de demolição, por pressão do grupo Silvio Santos. O prédio foi tombado pelo Estado. Mas Silvio Santos questiona a reconstrução do prédio em 1993, segundo o projeto de Lina Bo Bardi, fato que inviabilizaria o tombamento, pois o projeto objeto do tombamento era de Flávio Império. “Silvio Santos é o atual Rei da Vela”, diz José Celso. Ele vê a peça como um pivô de retomada e resistência democrática.”



Cliente
Veículo
Data

TEATRO OFICINA UZYNA UZONA
REVISTA CARTA CAPITAL-SÃO PAULO
18/10/2017



Uma vela para o Brasil

ARTES CÊNICAS A morte de Ruth Escobar e a remontagem da peça que modernizou o teatro marcam um momento crítico para a cultura

POR IVAN MARSIGLIA E JOTABÉ MEDEIROS

Na madrugada de terça-feira 10, de volta de um longo ensaio de *O Rei da Vela* no Teatro Oficina, José Celso Martínez Corrêa, 80 anos, segue em atividade em seu apartamento no bairro do Paraíso, em São Paulo. A vela permanece acesa, apesar da morte aos 81 anos da contemporânea Ruth Escobar, cinco dias antes. A memória novamente quente de tempos sombrios entrelaça as duas trajetórias. Em julho de 1968, durante a encenação de *Zé Celso para Roda Viva*, de Chico Buarque, o teatro de Ruth foi invadido por homens armados, que agrediram as atrizes Marília Pêra, Jura Otero, Margot Baird, Eudósia Açuña e Walquíria Mamberti (que estava grávida). Com espírito de combate, Ruth e Zé Celso lutaram, cada um à sua maneira, por reverter a rodada anterior de arbítrio.

Energizado para a reestrela comemorativa dos 50 anos da histórica montagem de *O Rei da Vela*, de Oswald de Andrade, no Sesc Pinheiros, no próximo dia 21, o encenador que defende o desbunde como “força transformadora mais eficaz que a luta armada” traz uma fisionomia mais circunspecta que a habitual. “O momento que estamos vivendo é mais violento do que aquele sob a ditadura Castello Branco”, afirma, lembrando a repressão ainda longe do ápice nos primeiros anos do golpe civil-militar.

Ele se refere à atual onda moralista contra as artes no País, mas também ao futuro do teatro dirigido por ele no

bairro paulistano do Bexiga, sítio histórico do teatro local, palco de experiências tão vitais e distintas como o Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), o Oficina e o Teatro Ruth Escobar. Até o golpe que tirou Dilma Rousseff do poder em 2016, diz, as conversas sobre o destino do terreno que cerca o Oficina, de propriedade do apresentador Sílvio Santos, pareciam promissoras. Na última reunião, porém, o clima mudou. “Sílvio estava insuportável, era outra pessoa”, diz.

O diretor afirma que o governador

Na foto com FHC, a diretora foi a última fonte de interlocução dos tucanos com um setor de excelência cultural



“Vivemos um momento mais violento do que a ditadura Castello Branco”, diz Zé Celso

Geraldo Alckmim e o prefeito João Doria cerraram fileiras com o dono do SBT, numa operação de troca de integrantes do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (Condephaat) para flexibilizar as salvaguardas ao entorno do teatro, um projeto da arquiteta Lina Bo Bardi, tombado desde 2010. “Estamos sofrendo um verdadeiro *putsch* nazista. Querem higienizar o Bexiga e expulsar os pobres.”

Zé Celso e Ruth distanciam-se estética e politicamente no correr dos anos. Diferentemente dele, que apoiou publicamente os governos petistas de Lula e Dilma, ela representou a última fonte de interlocução dos tucanos com um setor de excelência cultural no Brasil.

De origem portuguesa, a atriz, empresária e encenadora foi próxima de Fernando Henrique Cardoso, Mario Covas e José Serra e atuou para que esse grupo político mantivesse compromisso com as liberdades individuais e causas como o feminismo. Fazia também uma interseção importante com as alas daquela altura mais progressistas, representadas por personalidades como Irma Passoni, Eduardo e Marta Suplicy, Dalmo Dallari, dom Helder Câmara e Perseu Abramo. Ruth estabeleceu as pontes do tucanato com críticos como Sábato Magaldi e Décio de Almeida Prado, atores como Rutínia de Moraes, Walmar Chagas, Antonio Abugamra e Raul Cortez, diretores como Antunes Filho, curadores como Aracy

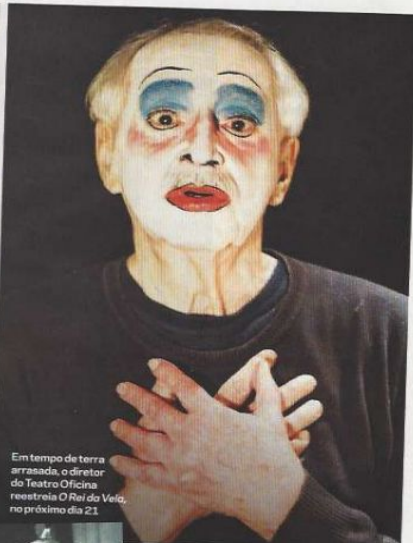
Volta a ver
18/10/17

“Estamos fatigados de todos os maridos católicos suspeitosos postos em drama. Freud acabou com o enigma mulher e com outros sustos da psicologia impressa”

OSWALD DE ANDRADE
(*Um Manifesto*, 1924)
e *Outros Textos*, reedição Penguin e Companhia das Letras.)



Atriz, empresária e encenadora, Ruth foi protagonista de uma era de vitalidade do teatro brasileiro



Em tempo de terra arrasada, o diretor do Teatro Oficina reestrela *O Rei da Vela*, no próximo dia 21

A cena final da montagem de 1967 prenunciava o momento em que a burguesia tira a velha máscara liberal



Amaral e Fábio Magalhães e escritores como Antonio Callado e Mario Prata.

Um pouco desse mundo desapareceu com Ruth Escobar. Em tempos de embutimento do debate cultural, quase todo o espectro político do País se resente de um ponto de convergência nessas causas. Caetano Veloso e Paula Lavigne apresentaram-se com ecumenismo de ocasião, mas falta-lhes o que sobrava em Ruth: trânsito. E os tucanos pós-Ruth Escobar assistem impavidos à apropriação de temas que lhes eram caros por “ícones culturais” como Luciano Huck e Zé Di Camargo.

Em seu teatro, ela impôs o debate contínuo e o diálogo com as teses de Grotowski, Stanislavski, Tadeuz Kantor e Bob Wilson. Engajava artistas

SEGUNDO CADERNO

Quinta-feira, 19 de maio de 2017
R\$ 1,50

Resumo tropicalista. No alto, Carlinhos, Bengtson, Beto e Rita Lee vestindo o tradicional. Abaixo, Claudio Rocha, Rogério Dapier e Gil, Abílio, Helio Ottoni, José Carlos Martinez Corfê e Gil



POR QUE NÃO?

Há 50 anos, a Tropicália rompeu os limites entre vanguarda e tradição, samba e iê-iê-iê, Brasil profundo e superficial. Na música, sobretudo, mas também nas outras artes, refletiu as cores e dores de um país em convulsão: sofisticado e kitsch, litorâneo e interiorano, entre a liberação sexual e a ditadura

LEONARDO LACORTE
luciano@globo.com.br

Quando Caetano Veloso apresentou "Allegria, Alegria" e Gilberto Gil cantou "Poderoso São Paulo" no II Festival de Música Popular Brasileira, estavam quebrados para sempre as fronteiras entre vanguarda e tradição,

pitaneada pelos Beatles, apontando no Brasil pelos músicos como iê-iê-iê. E há 50 anos de classe média nos palcos dos festivais assumindo a canção como o território privilegiado para pensar os tempos e o tempo de profundas transformações. Na política, a ditadura instaurada em 1964 e a polêmica entre a esquerda e a direita. Nos

clula ainda o cantor Vicente Celestino ("Coração materno") e o artista plástico Rubens Gerchman (na foto "Lindíssima" inspira a canção homônima). Jovens populares e Mangueira, "Ritmo do Sabor do Bêbado" e "Segura canção do Bêbado", Carlinhos e Coqueiros.

Os antecedentes do tropicalismo remontam a Oswald de Andrade (foi o

enquanto apontava uma arma para a cabeça. Por um lado, parte da esquerda via o grupo como alienado. Por outro, a direita se sentia ameaçada pelo que não entendia ali. Caetano e Gil acabaram na cadeia e, em seguida, no exílio. Para muitos, a aventura tropicalista terminou ali, sob a repressão. Mas os sons deles se fazem presentes até hoje na música — de



Cliente: TEATRO OFICINA UZYNIA UZONA
Veículo: O GLOBO - RIO DE JANEIRO
Data: 21/10/2017
Seção: SEGUNDO CADERNO

Pg: 08

LEITE FELIPE REIS
luz@globo.com.br

Os últimos meses de Zé Celso Martinez Corfê têm sido de festa, suor e batalha. Festa porque, apesar do caos econômico e político do país, 2017 marca tanto o seu aniversário de 80 anos quanto os 50 anos da histórica montagem da Oficina para "O Rei da Vela" (1967) de Oswald de Andrade — um dos marcos fundadores da Tropicália. Trabalharam pois, em vez de celebrar o passado, Zé decidiu recriá-la, dedicando-se ao antigo sonho de remontar o espetáculo. Agora, seu grande presente de aniversário chegou, e, a partir de hoje, o clássico de Oswald estará de pé no palco do Sesc Pinheiros, onde fará dez únicas sessões até o dia 19/11, com cenários de Hélio Eichbauer e com os octagônios Zé e Renato Burghil em cena.

Ma entã, em meio às festas e aos ensaios, Zé e a Oficina se viram diante de uma nova batalha, uma "ameaça de assassinato e de expulsão da Oficina da sua sede". Zé refere-se a uma nova etapa do imbróglio jurídico que há três décadas põe em lados opostos os amores culturais da Oficina e os negócios do Grupo Silvio Santos e de seu braço imobiliário, a Sisa, que intensificaram a busca por autorização para erguer três grandes torres residenciais no entorno do teatro-sede da Oficina, um imóvel tombado localizado no Ilúpi, na capital paulista.

QUEBRA DE BRASO
Nesta segunda-feira, dia 23, o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (Condephaat) do Estado de São Paulo irá avaliar um recurso interposto pelos salvaguarda do Grupo Sisa em resposta ao último parecer do Condephaat sobre o caso, publicado em setembro de 2016 e favorável à Oficina: o parecer lot contrário à construção das torres no entorno do teatro, sob a justificativa de que o empreendimento atentaria contra a "visibilidade, o destaque e a preservação da memória" do bem tombado. Para Zé, a decisão de 2016 seria despertada em Silvio Santos uma "paranoia ao ver que a nossa luta conseguiu impedir, por 37 anos".

— Agora, mudaram o Conselho de 2016, e a maioria dos conselheiros que votou a favor da Oficina não está mais lá — diz Zé. — Ficaram apenas dois que nos apoiaram, e entraram com o papel jurídico, como está na agenda, para obter a permissão do atual Condephaat.

A Oficina original foi inaugurada em 1967, mas se estruturou com um projeto do arquiteto e cenógrafo Hélio Eichbauer e, em 1967, após um incêndio que o



Zé Celso Martinez. O fundador e diretor do Teatro Oficina estará em cena como Dona Polaca

Renato Burghil. Aos 90 anos o ator volta a interpretar o protagonista da peça, o agiota Abelar

'O Rei da Vela' 50 anos depois A VIDA EM RODA-VIVA

Cinco décadas após a montagem histórica para o clássico de Oswald de Andrade o Teatro Oficina cria uma nova encenação para peça, ao mesmo tempo em que luta para manter o entorno da sua sede livre dos interesses imobiliários do Grupo Silvio Santos



Cena. O segundo ato da montagem atual, com cenário de Hélio Eichbauer

destruiu no ano anterior. Em 1962, Lina Bo Bardi e Edival Elim projetaram o atual prédio, combatido no mesmo ano pelo Condephaat, por um decreto que protegia a construção e ordenou sua ruína de 300 metros. A obra só seria finalizada em 1993.

— Agora, alegam que a Oficina é ilegal por causa do janelão de vidro aberto pela Sisa — diz Zé. — Dizem que o janelão deve ser amarrado, porque se abre para um terreno vazio, o que seria ilegal, e que destruiu a Oficina criada pelo Hélio Imperio. Mas tudo é uma mentira facilmente combatida pelo parecer do tombamento de 1962. Em que o próprio Hélio, que havia construído o teatro e era o conselheiro designado, expressou, em documento, que autorizava o projeto da Sisa. Em agosto, Zé Celso e Silvio

Santos se encontraram pela última vez, em uma reunião mediada pelo prefeito de São Paulo, João Dória, mas o encontro "foi um fracasso", diz Zé. — Não era mais o homem que, em 2010, propôs a troca de seu terreno por outro do mesmo valor — diz. — Agora, só repetia: "Vão tem que deixar de ser artista, de ser sonhador! Você acha que vou dar o terreno pra você?"

Ele ex: "Não é para mim. É uma coisa pública. Tenho 80 anos e você mata que 80. Vamos morrer, temos de dar algo à cidade? É ele: "Is não vou morrer nunca".

AO GLOBO, a Sisa informou que reuniria o assunto em agosto, e o Condephaat apenas confirmou para o dia 23 a deliberação do recurso da imobiliária.

Escrita em 1953, "O Rei da Vela" é a alegoria de uma pais sub-

desenvolvido, tensionado p capitalismo. A obra se passa em um cenário, onde o burguês e o agiota Abelar I, o Rei da Vela, e seu empregado Abelar II, o "donador de feras", subjugam os desenvolvedores, numa luta por terra, por outro do mesmo valor — diz. — Agora, só repetia: "Vão tem que deixar de ser artista, de ser sonhador! Você acha que vou dar o terreno pra você?"

Ele ex: "Não é para mim. É uma coisa pública. Tenho 80 anos e você mata que 80. Vamos morrer, temos de dar algo à cidade? É ele: "Is não vou morrer nunca".

AO GLOBO, a Sisa informou que reuniria o assunto em agosto, e o Condephaat apenas confirmou para o dia 23 a deliberação do recurso da imobiliária.

Escrita em 1953, "O Rei da Vela" é a alegoria de uma pais sub-

Foto: O GLOBO/ARQUIVO



Leitura

Digital

Cliente TEATRO OFICINA UZYNA UZONA

Veículo FOLHA DE S. PAULO - SÃO PAULO

Data 24/11/2017

Seção ILUSTRADA

Pg: C10



ASSISTI "SERIA Cômico Se Não Fosse Sério" aos 11, "Trate-me Leão" aos 12 e "Macunaíma" aos 13, mas tinha apenas 2, quando "O Rei da Vela" estreou. Eu levaria 50 anos para curar a dor de corvo de ter perdido o "Terra em Transe" da Praça Tiradentes.

A obra-prima de Oswald de Andrade retornou aos palcos, e sem cheiro de naftalina.

O Brasil da democracia com d minúsculo de agora, não difere do da crise do café dos anos 30, ou do da ditadura dos 60, quando a peça foi, respectivamente, escrita e concebida. Apesar do luto pela imutabilidade de nossas mazelas, foi o fascínio pela pátria antropotragicômica que me tomou de assalto durante a sessão.

Reafirmei ali, na plateia d'O Rei da Vela, meu laço indissolúvel com o Brasil. É romântico, eu sei, melo patriótico, mas verdadeiro.

Trata-se de uma ópera tipiniquim em três majestosos atos, com direito a aria musicada por Caetano Veloso e arranjada por Rogério Duprat; performances inesquecíveis de Borghi, Starling e Prado, coroadas pelos exuberantes cenários e figurinos de Hélio Eichbauer. Zé Celso concebeu um clássico revolucionário, potente como nunca vi.

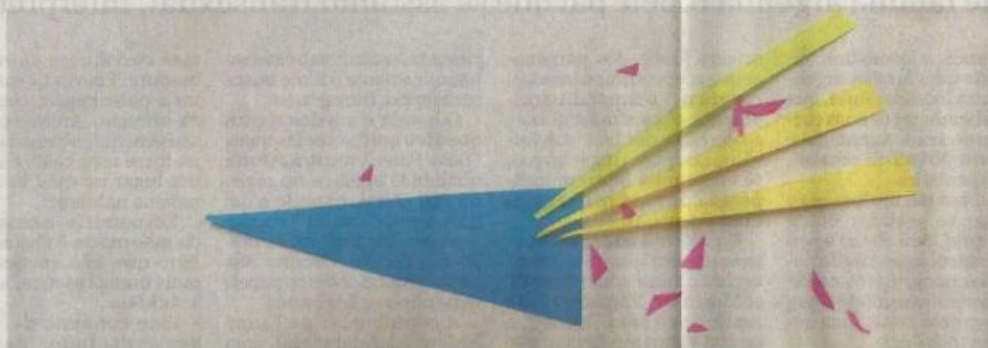
Na semana seguinte, botei meu

filho num avião com um amigo, achei importante que mais de um moleque visse, e o obriguei a conferir. Quis dar uma surra de ambição estética na turma que chega aos 18.

Ele me telefonou siderado. Coisa rara, agradeceu à mãe a insistência. De uma só tacada, havia juntado a Semana de Arte Moderna com a Tropicália e entendido quem pariu o Asbrúbal. Experimentara um arrebatamento raro, nesse deserto de ideias em que estamos metidos.

Primavera

FERNANDA TORRES



Obra-prima de Oswald de Andrade, 'O Rei da Vela' retornou aos palcos, e sem cheiro de naftalina

Eu me lembro da humilhação que eu sentia, com a idade dele, de saber que o apogeu da música, do teatro e do cinema ocorrera enquanto eu ainda chupava chupeta. A ciência incômoda de que havia despedido em pleno entreato.

Foi o tosco e primitivo Brock que sanou meu complexo de vira lata. Arnaldo, Miklos, Reis, Renato, Caçuza, Herbert, Lobão e, mais tarde, Chico Science, Cássia, Marisa e Adriana, deram cabo da minha inferioridade geracional.

Noto nos meus enteados e no meu filho a mesma angústia que me perseguia, a da falta de pertencimento. E foi por isso que eu quis que ele testemunhasse Oswald, Borghi, Hélio e Zé Celso no seu máximo. Que

tomasse gosto pela arte da irreverência cívica, e ganhasse coragem para enfrentar o exército de donas Polocas saudosas da boa e velha censura.

No lançamento do meu livro no Teatro Oficina, o Zé encarnou Rei Lear na cena da tempestade. É onde nos encontramos nesse momento, na planície árida, no olho do furacão. O diretor terminou a noite decretando, como havia feito ao fim do "Rei da Vela", o começo de uma primavera cultural no país. Alguém gritou alguma chatice sobre Lula e Temer, esse rame-rame insuportável, do qual nos tornamos reféns, e o Zé passou por cima, dizendo que estava falando de arte.

É isso. Meus candidatos para 2018 são Oswald, Mário, Shakespeare, Carlos Gomes, Villa-Lobos, Nelson, Tom, Glauber, Ubaldo, Clarice, Machado, Drummond e Bandeira. Eu os elejo como norte e guias.

Daniilo Miranda também tem o meu voto, ele, que há trinta anos, apesar das intempéries, conduz o Sesc São Paulo com a clareza e a grandeza que nenhum engravatado de Brasília possui. Agradeço a Daniilo por ter visto "O Rei da Vela" aos 52, e mais ainda, pelo meu filho tê-lo assistido aos 18.

Now is the winter of our discontent.